

Oração Sapiencial proferida a propósito da Cerimónia de Entrega dos Diplomas de conclusão do Ensino Secundário

Colégio da Rainha Santa Isabel, 16 de novembro de 2018

Boa tarde a todos.

Antes de mais, gostaria de dirigir um agradecimento sentido e caloroso à Irmã Maria da Glória pelo convite que me endereçou, e que muito me honra, para estar presente nesta cerimónia.

Não posso escondê-lo, é com profunda emoção, gratidão e ânimo que hoje reencontro todos os professores, os senhores funcionários e auxiliares que desempenham um papel fundamental no projeto educativo desta casa e que tanto contribuem para o espírito que aqui se vive.

Permitam-me igualmente uma palavra de especial apreço aos meus professores aqui presentes, de quem guardo na memória e na saudade o esforço, o trabalho e a capacidade extraordinária de marcar inúmeros jovens, como foi o meu caso, com o seu conhecimento e a sua mundividência.

Por último, é com grande satisfação que também reencontro aqui as caríssimas irmãs que servem de esteio e suporte a este Colégio e a toda a comunidade educativa, pois são elas que lhe dão vida e aceitaram, de forma benigna, esta missão de servir na educação de crianças e jovens.

Feitos os agradecimentos devidos, é hora de felicitar os alunos a quem se destina esta cerimónia: aos estudantes desta casa que terminaram, com sucesso e brio, no passado ano letivo, o ensino secundário e já iniciaram uma nova fase.

Felicito-vos pela vossa audácia e perseverança, na certeza de que, finda esta primeira etapa, um novo mundo surgirá diante de vós, repleto de novos desafios e aventuras, onde irão trilhar um caminho de busca da vossa missão e de aprimoramento das competências pessoais e profissionais necessárias ao vosso desenvolvimento.

O repto que a Irmã Maria da Glória me lançou foi claro: tecer algumas considerações sobre o papel do Colégio e do seu ensino na minha vida e no meu percurso, quer na vertente profissional, quer na vertente pessoal. Ou seja, em que medida a minha experiência, enquanto aluna desta casa, influenciou e influencia o exercício da minha profissão e o meu desenvolvimento como pessoa e cidadã.

Parece uma tarefa simples, à primeira vista, mas a verdade é que alguns minutos pecam por escassos e a responsabilidade de, perante vós, resumir em linguagem clara e compreensível o que pretendo dizer, torna este trabalho um tanto hercúleo.

Por isso, peço antecipadamente desculpa se parecer demasiado filosófica ou até aborrecida nas minhas breves considerações.

Passaram já quinze anos.

Quando deixei o Colégio, em 2003, ingressei no ensino universitário, num curso clássico – o de Direito – mas decidi, e concederam-me essa possibilidade, de sair da minha cidade de origem e rumar a Lisboa.

À época, era um passo gigante e ousado, por tudo o que envolvia, desde de sair de casa, deixar a minha família e os meus amigos de sempre, com a pretensão de conhecer um mundo diferente e com a ideia – que se confirmou – de que fazer a faculdade noutra cidade poderia contribuir para o meu desenvolvimento e crescimento pessoais.

Volvidos estes anos, reconheço que, no primeiro momento, tinha uma esperança não declarada de que Direito não fosse o curso certo para mim e que, no espaço de um ano, mudasse de direção, talvez para Comunicação Social ou para Relações Internacionais, devido ao meu especial interesse e gosto por comunicar e por perceber a realidade geopolítica que nos envolve.

Esta intenção velada gorou-se por completo. Terminei Direito, fui advogada e, atualmente, sou juíza.

A primeira ideia que pretendo transmitir-vos é a seguinte: nos primeiros anos após a saída do Colégio, o sentimento que nos invade é de saudade, que é atenuado pelo êxtase e pelo deslumbramento de uma nova etapa.

A universidade representa um patamar académico mais elevado, acompanhado da certeza de que vamos conhecer novas pessoas e fazer novos amigos, na segurança de que se atingiu a maioridade e de que vamos viver, possivelmente, os melhores anos das nossas vidas.

Para muitos de vós, o ingresso na universidade fez com que tenham saído de casa e até de país, mas mesmo que assim não seja, constitui um passo de descoberta de novas formas de ser e de estar e, se for o caso, a possibilidade de contacto com culturas diferentes.

Nos primeiros anos, esse êxtase atenua e retém a saudade que se sente dos tempos do Colégio.

Porém, não duvidem, ao longo do vosso percurso futuro, em momentos chave, vão sentir aquilo a que eu apelido de manifestação do ADN comum que todos os que passámos por esta casa partilhamos – o ADN Rainha Santa ou o ADN São José de Clunny.

Haverá momentos em que irão parar e interrogar-se-ão: onde é que eu já ouvi isto? Onde é que eu já aprendi isto? Onde é que eu já vivenciei isto?

Com o emprego da palavra “isto”, neste contexto, pretendo referir-me a valores.

Os valores e princípios axiológicos como a Dignidade da Pessoa, a Igualdade, a Integridade, a Solidariedade e o Respeito pelo outro estão inscritos em todos vós.

Conceitos como os de europeísmo e de multiculturalidade, os ideais de paz entre os povos e de repulsa da violência, de conhecimento multifacetado e eclético na construção de uma cidadania esclarecida e de sensibilidade para todas as formas artísticas e de expressão cultural integram essa marca que todos vós carregais.

Permitam-me socorrer-me da minha experiência para vos ilustrar alguns exemplos.

Quando cheguei às aulas de Direito Constitucional e de Direitos Fundamentais, ou Direitos Humanos, o princípio basilar da Dignidade da Pessoa já me era familiar, pois tinha-me sido inculcado desde cedo pelos meus pais e foi desenvolvido neste Colégio, em diversas disciplinas, quando explorei a história das civilizações grega e romana, a noção de Democracia nascida em Atenas e os exemplos helenistas dos seus filósofos.

Igualmente, quando tive que estudar a nossa lei fundamental – a Constituição – os princípios da igualdade e da solidariedade que alicerçam todo e qualquer estado de direito democrático não eram uma novidade.

Quando falo em Igualdade refiro-me a todas as suas matizes e variantes cristalizadas na regra essencial de proibição de discriminação de qualquer indivíduo, em razão do sexo, do género, da orientação sexual, da raça, da língua, da religião e das convicções políticas ou ideológicas.

Na cadeira de direito penal, esses vetores ganharam outra roupagem. O abandono de uma lógica retributiva e o progresso para o sistema de punitivo que respeite os direitos de defesa de todos os cidadãos, aliada à finalidade das penas como forma correção dos infratores através da sua integração social são conceitos tributários da doutrina do perdão e da paz social.

Mais uma vez, a igualdade e a solidariedade entravam em campo.

Chegada às aulas de Direito da União Europeia, há época de Direito Comunitário, a história da construção do projeto europeu – que é no meu modesto entendimento a criação política mais fantástica do século XX – já me tinha sido transmitida.

As instituições da união, as instituições europeias e outras instituições internacionais não eram novidades e não são, certamente, para vós.

A diversidade de matérias que nos ensinaram, nesta casa, serviu, em primeiro lugar, para me e nos sensibilizar para a nossa origem: além de portugueses, somos europeus e somos cidadãos do mundo.

Sabendo de onde vimos, ganhamos a certeza do presente e reconhecemos o futuro que queremos.

No meu dia-a-dia de estudante universitária, sempre que passava pela parede da estação de metro da Cidade Universitária, em Lisboa, onde se encontra inscrita a célebre frase de Sócrates – “Não sou ateniense nem Grego, mas sim um cidadão do mundo” – lembrava-me do meu Colégio.

Mais tarde, quando entrei para o mercado de trabalho, onde por vezes impera, não nos iludamos, o individualismo e a competitividade cega e desprovida de limites, tentava que as minhas decisões, certas ou erradas, ponderadas ou imponderadas, fossem beber a esses princípios de que vos falo e cheguei, em algumas ocasiões, a uma conclusão: os valores que aqui aprendemos e que nos foram transmitidos praticam-se e a nossa contribuição humilde para a construção de um futuro promissor na comunidade onde estamos inseridos depende dessa mesma prática e execução.

A solidariedade deve prevalecer em relação ao individualismo.

A igualdade de todos deve pautar-nos a cada momento.

O respeito pelo outro não pode ser enfraquecido pelo medo da diferença.

A paz e o entendimento entre povos e religiões será sempre o caminho.

A arte e o conhecimento serão a bússola e o diapasão de uma sociedade evoluída.

Atualmente, no tempo da grande globalização e da internet, perante o desmembramento do projeto europeu, da eclosão de novos conflitos bélicos e sociais, do crescimento do medo do outro e da teorização da criação de fronteiras totalmente artificiais, há algo em mim, e quero crer que em todos os que aqui estamos, que estremece.

Volta, então, o pulsar esse ADN que comungamos e que se inscreve na crença nesses princípios basilares que mais não são do que adquiridos comunitários, civilizacionais e éticos: a igualdade, o respeito, a solidariedade e a paz.

Esses ideais judaico-cristãos e do Iluminismo ocidental, essa cartilha ética, devem sempre guiar-nos e são irrenunciáveis.

Todos vós carregais esse ADN e vão aperceber-se disso em pequenos e em grandes momentos.

Quando esse ADN falar e for ensurdecador, libertem-no, pratiquem esses ideais e valores, sejam humildes, sejam cidadãos ativos, questionem a vossas circunstâncias,

façam o bem, sejam solidários e, acima de tudo, não se fechem numa única forma de saber.

A pessoa é mais completa, quanto mais diversificado for o seu conhecimento.

Não se estanquem nem se confinem a uma única matéria, expandam-se, façam e pratiquem aquilo que aqui nos ensinaram: a relacionarmos-nos com várias formas do saber.

Para além desses exemplos, o tempo também se encarrega de nos fazer reconhecer o quão felizes fomos nesta casa e quanto esta experiência nos deu mundo e potenciou abertura de horizontes.

Apesar de me ter sido inculcado, em primeiro lugar, pela minha família, o Colégio também desempenhou um papel fundamental no meu gosto por viajar e por conhecer o mundo.

Ainda me lembro o quão marcantes foram as viagens à Grécia e a Roma; a primeira vez que subi à acrópole, embalada pelas palavras mágicas da Irmã Maria da Glória, e o primeiro passo que dei na Capela Sistina, depois de a Irmã nos ter dito que íamos ter uma das experiências mais fantásticas das nossas vidas.

Nas minhas viagens volto a recordar-me do Colégio e dos meus professores.

Em Lisboa, quando deambulo pelo Chiado e pelo Largo de São Carlos, lembro-me invariavelmente do Eça e do Pessoa e da visita de estudo do 12.º ano.

Em Moscovo, perto do Teatro Bolshoi, ou em São Petersburgo, perante o Teatro Mariinsky, recordei-me das aulas de danças, dos vários espetáculos em que tive a oportunidade de participar, dos coreógrafos, dos compositores e tenho a firme convicção que esta foi a melhor forma de desenvolver o meu gosto pela dança e pela música.

Em Florença, na *Galeria dei Uffizi*, recordei-me das aulas de história sobre os mestres renascentistas, parecia que já lá tinha estado.

Na Grécia, nas pedras do Teatro de Epidauro, compreendi a grandeza de Sófocles, de Eurípedes, de Ésquilo e Aristófanes e lembrei-me das aulas de teatro e do texto inesquecível de Antígona.

Em Mérida, recordei-me das aulas de latim.

Sendo eu de humanidades, não posso deixar de referir que sempre que ouço boas novas sobre evolução científica ou a descoberta de um novo planeta, lembro-me dos meus trabalhos de ciências, não muito famosos, sobre o sistema solar.

A criação da Associação de Estudantes também é um dos momentos mais marcantes da minha passagem nesta casa.

Estas são algumas das minhas recordações e memórias que ilustram o que vos quero transmitir, a mundividência que tiveram a possibilidade de apreender, neste Colégio, vai repercutir-se no vosso futuro.

Hoje, no exercício da minha profissão, tenho a responsabilidade de dirimir inúmeros conflitos, de dizer o que está certo ou errado, em nome do estado e da lei, de punir quem violou as regras estabelecidas e de absolver contra quem não existe prova de ter cometido crime.

No meu trabalho, tento ser justa, ponderada e sensata.

Enquanto profissional e cidadã, o meu material genético carrega também o que aqui aprendi e acredito que o mesmo contribui para que seja, ou pelo menos tento ser, uma pessoa melhor.

Estou certa de que, apesar de terminarem o vosso percurso nesta casa, carregam o ADN do Colégio que sempre se manifestará no vosso caminho.

As palavras de T.S. Elliot ganham, neste dia outonal em que celebramos o fim e o começo, como um recomeço de um fim, um claro e verdadeiro sentido:

“O que chamamos o começo é muitas vezes o fim / E fazer um fim é fazer um começo / O fim é onde começamos.”

Hoje termina uma etapa que dá início a um novo percurso, que no fundo, será um recomeço daquilo que aqui viveram e aprenderam.

Esta escola preparou-nos para sermos cidadãos conscientes e esclarecidos, profissionais de horizontes abertos, pessoas humildes, solidárias e sensíveis ao outro. Esta é vossa herança do vosso novo início.

Não se esqueçam nunca de uma premissa que aprendi aqui, nas aulas de filosofia, e que se traduz no imperativo categórico de Kant: seremos cidadãos e pessoas mais completas sempre que tratarmos o outro como um fim em si mesmo.

Desejo-vos as maiores felicidades.

Obrigada pela vossa atenção.

Mariana Coimbra Piçarra

Juíza de Direito em funções no Tribunal de Beja